

## A origem de *Pedra, Tesoura e Papel*

Daniel Keene

A origem desta peça é muito simples: foi um olhar na cara de um homem. Este homem era alguém que eu já tinha visto algumas vezes. Os seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga, andavam na mesma escola que o meu filho mais novo.

Estava à espera, no portão da escola, para ir buscar o meu filho no final do dia. Este homem, chamemos-lhe K., também estava à espera. Tinha quarenta e tal anos e estava com umas jardineiras cinzentas. Coxeava ligeiramente. Cumprimentámo-nos com um aceno de cabeça. Quando os seus dois filhos saíram pelo portão da escola, ele baixou-se e pegou na menina. O filho agarrou-se à sua perna. Ambos os miúdos falavam ao mesmo tempo, a contar como tinha sido o seu dia de escola. Havia muitos outros pais em volta do portão da escola. Duas mulheres ali por perto estavam a falar de K. Tinham ouvido que ele perdera o emprego recentemente. As crianças continuavam a sair pelo portão, envolvendo os adultos, rindo, gritando, correndo, contentes por o seu dia de escola ter terminado. Alguém por detrás de mim chamou o nome de K. Ele olhou e eu vi-lhe um olhar na cara que é difícil de explicar. A sua cara parecia-me terrivelmente despida, terrivelmente aberta: não havia nada escondido na sua expressão.

O olhar na sua cara era o de alguém inocente e derrotado, esperançado mas perdido. Era o olhar de um jovem, mas cheio de uma espécie de cansaço e resignação. Ficou ali, num mar de crianças, perto das duas que ele amava, mas parecia-me que a mais pequena rabanada de vento podia dissolvê-lo. Tinha o olhar de um homem tão frágil como papel. A sua cara permaneceu comigo durante semanas. Até sonhei com ele. Estava sozinho no meu sonho, a caminhar algures, num sítio que eu não reconhecia, com as suas jardineiras cinzentas, a coxear ligeiramente. Não sabia para onde ele ia. Mas sentia-me inclinado a segui-lo.

O meu desejo mais forte, quando comecei a escrever *Pedra, Papel e Tesoura*, era criar uma personagem a que se pudesse chamar “um homem decente”, alguém para quem a família fosse importante, que se orgulhasse por tomar conta dela. Quando um homem assim perde o emprego, perde muito mais do que o emprego. Perde a sua auto-estima, perde a realidade que o define. Tem de tentar recriar-se a si próprio. Como é que pode fazê-lo? Que ferramentas tem ele? Tem de começar a sua tarefa de mãos vazias. Tem de criar algo a partir do nada, ou pelo menos é assim que ele se deve sentir.

Queria que o pedreiro de *Pedra, Papel e Tesoura* se parecesse com K., mas não literalmente: queria que o pedreiro estivesse tão frágil, despido, inocente e perdido como esse homem que eu encontrara à saída da escola dos meus filhos. Queria criar algo que desse significado a esse olhar que vi expresso na cara de K.: um olhar que me pareceu contar a história da sua vida.